O OVARENSE

NUMERO 776 — *Proprietario e Editor*=Placido Augusto Veiga — ANNO XV

Redacção, Administração e Typographia—L. de S.Pedro 26

OVAR, 25 de Setembro de 1898

As colonias longinquas

Lemos ha dias n'um jornal de Lourenço Marques, que se torna urgente dar o regimen autonomico ás nossas provincias da Africa Oriental, para que ellas fiquem livres dos caprichos do governo da metropole.

Foi um jornal portuguez, que isto publicou. E a publicação foi transcripta por jornaes estrangeiros, principalmente inglezes.

*

Na India tambem apparecem proruidos de emancípação. A revolta de ha pouco tempo foi um signal bem caracteristico da ambição, legitima ou illegitima d'alguns indios, que, de boa ou má fé, querem governo independente da metropole.

*

A grandeza dos sacrificios que estas duas colonias nossas impozeram ao continente, representado esses sacrificios em guerras que nos absorveram homens e dinheiro—leva a perguntar: se vale a pena continuarmos com semelhante dominio colonial, dominio apenas no nome, porque protege commercio estrangeiro ?

*

Com a India não temos commercio: alli manda a Inglaterra. O monopolio do sal ainda vae dando quasi para pagar aos empregados em circumstancias normaes. Macau, que fica demasiado longe, vive do *fan-tan*.

Moçambique como Lourenço Marques, está quasi pelo seu commercio nas mãos dos transwalianos, dos holandezes, dos francezes e um pouco dos inglezes. Nós nada alli temos que valha a pena sustentar.

Contudo Moçambique como Lourenço Marques fez-nos boas sangrias com as expedições, que mandámos. Custam-nos rios de dinheiro com os melhoramentos dos portos, com a fiscalisação aduaneira.

Vale a pena sustentar este dominio nominal ?

*

De taes colonias o paiz nenhuma utilidade pratica tira, nenhuma.

Mas o *patriotismo* jornalistico oppõe-se fortemente à alienação.

E porque os ministros temem as zarguncharas de meia duzia de criticos de phrases balofas, deixa-se de praticar um acto de decedida utilidade e de grande beneficio para a nação—a venda das colonias improductivas e longinquas.

*

Na Hespanha tambem os parridos monarchicos, temendo as especulações dos republicanos, deixaram, para não alienar um pedaço de territorio, Cuba, que o paiz fosse á guerra com os Estados-Unidos.

Sacrificaram homens, marinha, dinheiro e afinal não só perdera Cuba, mas ainda Porto Rico e talvez as Phillipinas, além d'uma indemnisação de guerra que não será pequena.

Hoje não ha remedio nenhum para a Hespanha vencida: ha para nós que temos ainda tempo de, pondo de lado preconceitos estupidos, tratarmos de fazer operações financeiras sob esse dominio nominal e salvar o paiz da crise que atravessa.

*

Propalaram alguns jornaes da opposição que o governo pensava em alienar Lourenço Marques.

Infelizmente o orgão officioso do governo desmentiu tal noticia. E dizemos infelizmente, porque essa medida era acertadissima.

Mais tarde ou mais cedo, por vontade ou a força, temos de abandonar Lourenço Marques. Abandonal-o-hemos, logo que uma grande potencia o queira. Então ha-de haver protestos, mas simples protestos, eguaes em força aos do *ultimatum*.

Melhor seria pois que vendessemos essa colonia, que para os outros póde servir para muito e, para nós, nada.

*

Entretanto, estamos certos, nenhum governo terá a coragem de propôr a alienação das colonias longinquas, nenhum. A politica impõe-se e os ministros curvam-se.

Dr. Francisco Mattoso

Falleceu em Espinho o sr. dr. Francisco de Castro Mattoso, filho mais velho do digno par do reino, ex.mo desembargador Francisco de Castro Mattoso Corte Real.

Era o finado delegado d'uma das varas da comarca de Lisboa em commissão na Junta de Credito Publico.

Falleceu na idade de 36 annos e n'uma auspiciosa carreira, que tinha conquistado pelos seus estudos, intelligencia e trato finissimo.

A seu extremoso pae enviamos a expressão do nosso profundo pezar.

No concelho

Já mostramos, ha dias, a injustiça com que era distribuida a unica contribuição municipal—o real d'agua.

Não é de mais repisar este assumpto. Só o pobre contribue para as despezas municipaes, quando é elle o que menos aproveita com os melhoramentos. O grande proprietario, o commerciante, o industrial, que das boas estradas tira resultado, nada paga.

Será isto rasoavel? Não. Contudo existiu sempre aqui, existe nos outros concelhos e existirá, emquanto não fôr tomada medida extraordinaria, fóra do *ramram*.

Porque se o municipio foi e ha-de ser sempre administrado por industriaes, commerciantes ou proprietarios e, por sobre isto, politicos, nunca verá substituida a contribuição indirecta do real d'agua, pela directa, visto que essa mudança iria affectar directamente esses administradores municipaes com verbas não pequenas e iria irritar os maiores contribuintes alienando-lhes votos.

A justiça mandava que a subsistir contribuições, fosse a directa e não a indirecta que ficasse de pé. Tanto mais que a directa nenhuns vexames causa, emquanto que a do real d'agua expõe o pequeno commerciante a vexações e a formalidades, bem peores ainda do que o pagamento racional do imposto.

—

Contudo, para nós, ha felizmente meio de nos libertarmos tanto d'uma como da outra contribuição, collocando as nossas praças e por isso o nosso commercio em situação superior á dos concelhos visinhos.

Esse meio é o aforamento da grande propriedade municipal, propriedade que nada produz e que acarreta ainda por cima despezas não pequenas e embaraços d'administração.

Hoje todas as tendencias governativas levam á cultura e aproveitamento dos muitos terrenos, que ou são baldios ou que se conservam no estado de baldios.

O aforamento parece o melhor meio indicado por se não dispender capital na acquisição e esse capital ser preciso para o cultivo. Para as corporações produz uma receita certa, garantida, annual e intransmissivel.

D'ahi vem que este meio está perfeitamente indicado para a alienação completa de toda a nossa propriedade concelhia. Produz o aproveitamento para a cultura de muitos hectares de terreno até hoje improductivos e produz, além d'isso, uma receita certa e ordinaria que, a nosso ver, bastará para fazer as despezas ordinarias municipaes.

—

Bem vemos os *zoilos* a berrar as suas tiradas ordinarias. Não ha duvida de que elles continuarão até ao fim o seu triste papel.

Mas quem cuida do progresso e desenvolvimento da sua terra, importa-se pouco dos gritos d'essa tropa, que marcha ninguem sabe para onde e que quer, ninguem sabe o quê.

Quem dirige os negocios municipaes ha-de ter energia para arcar com preconceitos e paciencia para aturar os dislites de meia duzia de ignorantes, que sempre existem em qualquer terra. Se se guiar pelos ultimos ou transigir com os primeiros, ha-de a sua passagem ser ephemera e nulla.

E, no caso presente, bem peor do que esse será o resultado d'administração comesinha—será comprometter o futuro por falta de medidas de reconhecida e urgente necessidade.

Nós que nada temos com a administração municipal, senão a solidariedade, que nos liga aos homens, representantes do nosso partido, que se sentam nas cadeiras do senado vareiro, não temos a maior duvida de arcar com a responsabilidade moral d'essa medida, porque estamos convencidos de que é benefica e salutar. Poderiamos cruzar os braços e deixar ir tudo andando, mas isso seria mostrar pouco interesse pelo futuro da nossa terra. Era commoda essa posição, mas a guerra, que se levanta da parte dos *zoilos*, causa-nos tão pequeno embaraço, que nem por um momento nos desvia do nosso proposito.

MERCADOS

N'um grande aranzel, cheio de banalidades sem tom nem som, vem o *critico* da *Discussão* disparatar ácerca do preço dos generos nas praças e mercados, alludindo a alta de tudo aos regatões, que compram antes da hora.

Não nos diz o *critico*, por cautella, quaes os generos que subiram de preço ou conservam a alta em virtude da compra feita pelos regatões, nem nos diz se os regatões vão comprar á praça ou compram em suas casas

E' um pouco mais commodo o modo de criticar a esmo, dizendo disparates a cada passo.

—

Ignora o tal *critico* que ha uma lei administrativa que aboliu a tal postura camararia a proposito das taes horas e da compra dos regatões.

Mas se essa postura fizesse lei havia de nos defenir o que são regatões, para que nas praças se prohiba uns de comprar, deixando outros.

—

O disparate começa por dizer-se que se tem affluido ao nosso mercado generos de concelhos extranhos, é isso devido á alta do preço.

Logo se se não desse a alta do preço desappareciam esses generos e ficavamos... sem nenhuns.

Se os generos produzidos no concelho chegam para o consumo ordinario da praça e não sobejam, deduz-se d'ahi que os vendedores se obrigariam a vender mais barato pelo facto de os *regatões* (!) só poderem comprar duas horas mais tarde?

E' fazer dos vendedores uma opinião egual as do *critico*. Se os vendedores tivessem a certeza de duas horas depois de exporem á venda o seu genero o vendiam muito mais caro, evidentemente esperariam para vender mais tarde, ou viriam á praça apenas á hora da venda livre.

E affastados os vendedores de fóra, da praça, ficando apenas os do concelho a vender, só Deus sabe a que preço os generos subiriam.

—

E quem é que pode affirmar que os preços obtidos pelos generos nas praças=mormente legumes e aves—sejam demasiado remuneradores ?

Este anno, depois da sementeira, nunca choveu. Foram precisas portanto continuadas regas para se obter legumes não abundantes, mas rasoaveis. O preço da praça compensa, enriquece o vendedor ?

Se enriquece, se o compensa bem, melhor, porque para o anno futuro muitos lavradores, muitos proprietarios farão sementeiras e plantações e ahi teremos legumes por preço barato.

A nossa villa não é como as grandes cidades. Pobres e ricos possuem quintaes, ninguem deixa de ter um bocado de terreno onde possa fazer plantações, onde crie aves.

Se não faz essas plantações, se não cria essas aves, é porque não quer ter trabalho ou não lhe dão resultado. Ora se não querem ter trabalho, sujeitem-se ás praças.

Quem não possue terrenos onde faça quintal, arrende-o que é barato.

O disparate de querer obrigar o vendedor, por espaço de horas, a vender mais barato e em favor de quem não quer trabalhar e comer bem e barato, não é mão de todo.

Furadouro

Realisou-se na segunda-feira, como tinhamos annunciado, a «corrida d'argolinhas» em bicycletes, concorrendo todos os ciclistas que para tal fim se tinham inscripto. O local escolhido, apezar de não ser muito proprio, mas ainda assim o melhor, foi no quadrado formado pelas ruas dos Bombeiros Voluntarios, Thomaz Ribeiro, Imprensa Portugueza e Avenida.

Eram quasi 5 horas da tarde quando se deu principio á corrida.

Engraçadissima, não só porque era um divertimento novo entre nós, como tambem pela serie de peripecias e *trambulhões* que o accidentado do terreno e estreiteza d'espaço, occasionava. O publico que enchia todo o espaço d'onde a *méta* era vista, ria a bom rir em continuas e francas gargalhadas...

Emfim, foi uma tarde bem passada, devida á iniciativa de dois ciclistas distinctos, os srs. Chico Balreira e Alves da Cruz, coadjuvados pelo tambem ciclista Gomes Netto que na verdade foram incansaveis para a realisação de tão sympathico passatempo.

Honra pois a estes sympathicos rapazes que, se muito embora, não viram todo o seu plano posto em pratica, tiveram a consolação de que o que fizeram, o publico acolheu com enthusiasmo louco.

Finda a corrida o jury, composto dos srs. drs. Sobreira e Lopes e os srs. Frederico Abragão, Eugenio, Olympio Fonseca, A. Cunha e Gomes Pinto, começou a chamada dos corredores para ver os que tinham tirado maior numero de fitas. Averiguou-se então que para os tres premios havia empates.

Disputaram o primeiro os srs. commendador Pereira Dias e A. Ferreira, sendo vencedor o ultimo. O segundo os srs. Gomes Netto e Oliveira, sendo vencedor este, e o terceiro entre os srs. Paulino de Castro, Alves da Cruz, Balreira e J. Ferreira, sendo vencedor o primeiro.

E assim acabou esse tão agradavel passatempo, que tão gratas recordações deixou a todos.

O Ovarense

Religião e Patria

Quando eu medito nas passadas grandezas da minha querida Patria, no fastigio glorioso a que a guindaram as suas maravilhosas conquistas que parecem lendas, e as suas larguissimas descobertas, que semelham fabulas, e na respeitosa veneração, que entre estranhos lhe grangeou o heroismo guerreiro de seus valentes; quando contemplo o meu velho Portugal carreando o marfim da Asia, banhando-se nos perfumes da Arabia e enriquecendo-se com o oiro, que da India derivava para este *jardim da Europa á beira-mar plantado*; quando considero que Lisboa era a rainha do Oceano, que se curvava humilde e prostrado em profunda adoração sob a quilha das minusculas caravellas portuguezas; quando considero em tudo isso, tenho saudade d'esses bellos e felizes tempos, em que a minha nação dictava leis ao mundo e o mundo se curvava deante do nome só de portuguez, e do coração espreme-se uma lagrima e eu pergunto a mim mesmo:—Porque é que o Portugal d'hoje não é como o Portugal d'aquellas ditosas eras?

E busco e rebusco e não atino com a resposta. Ouço, porém, uma voz, que quasi se perde no fundo, muito amago do meu proprio ser, que me diz:

«E' que os portuguezes, que glorificaram a Patria eram profundamente crentes, verdadeiramente christãos. Os timoneiros da barca nacional tinham bem arreigados no coração os principios religiosos, e, por isso, governavam com acerto e justiça e buscavam a felicidade dos subditos, que amavam com affecto paternal.

«O soldado jámais apparecia no campo da batalha sem levar no peito a venera mais bella e respeitavel de quantas possam ornar uma farda—a cruz, symbolo da sua fé, principio da sua coragem. Por isso, vencia sempre.

«As pequenas embarcações, que de Lisboa partiam em busca de novos mundos occultos na sombra do ignoto, além de hastearem donafrosas na pôpa a Cruz da Redempção e na ré o pendão das Cinco Chagas, conduziam o Missionario, que, depois do desembarque nas regiões selvagens, mais conquistava com a palavra evangelica, que o soldado com a espada do guerreiro: Por isso, Deus as guiava sem perigo ao ponto do seu destino.

«Mas hoje a Cruz de Christo partiu-se, o Missionario despreza-se, ou, o que mais é, combate-se, e a religião do Crucificado proscreve-se da familia, da sociedade e da Patria. E a Patria corre vertiginosamente, assustadoramente para a sua ruina, e os seus chefes—*os timoneiros da barca*—nem por isso se apressam a travar-lhe o passo e a impedir-lhe a marcha fatal, antes a empurram cada vez mais pela encosta ladeirenta, que vae dar ao sorvedouro immenso, onde desapparecerá para sempre do mappa das nações autonomas.»

X. Z.

Anadia, 22—9—98,

Encontra-se já ha dias, n'esta villa, o ex.mo sr. conselheiro José Luciano de Castro e sua ex.ma familia. Sua ex.a, n'estes ultimos dias, tem sido cumprimentado por numerosas pessoas, não só de varios concelho do districto, como de fóra.

= Ha tres dias, trouxe-nos o telegrapho a triste noticia do fallecimento do sr. dr. Francisco Maria da Graça Mattoso Corte Real, filho do ex.mo desembargador da Relação de Lisboa, o sr. Francisco de Castro Mattoso Corte Real e sobrinho do illustre presidente do conselho de ministros, ex.mo sr. conselheiro José Luciano.

A noticia circulou rapidamente na villa, e d'ahi a instantes, era uma romaria a casa do sr. conselheiro Luciano de Castro, a manifestar-lhe o seu pezar por tão triste acontecimento. O finado era aqui muito querido, sendo geral a consternação.

Quando tiveram a noticia do fallecimento, partiram logo para Espinho as ex.mas filhas do sr. conselheiro José Luciano, acompanhadas do revd.o sr. Manuel Coentro.

O cadaver sahiu de Espinho para Lisboa na segunda feira, sendo acompanhado até Mogofores pelo ex.mo sr. desembargador Mattoso, Padre Manuel Coentro e filhas do nobre presidente do conselho, que seguiram para esta villa.

Suas ex.as de toda a parte do reino teem recebido innumeros telegrammas de condolencias.

Pela minha parte tambem envio, a tão illustre familia, sentidos pezames.

—O sr. conselheiro José Luciano, parte na sexta feira para Lisboa, onde deve no sabbado assistir à assignatura régia.

— Acham-se n'esta villa, por alguns dias, o sr. Padre Manuel Coentro, drs. José Paulo Cancella, delegado do procurador régio da Relação de Lisboa e sua illustre familia, Miguel de Mattos Abreu, juiz de Direito de Vizeu e Marquez da Graciosa.

= A estação telegrapho-postal tem estado de serviço permanente durante a estada do sr. Presidente do conselho.

= Hontem choveu aqui bastante, trovejando com valentia.

A.

LUTO

A familia do nobre chefe do partido progressista e presidente do conselho de ministros, ex.mo sr. conselheiro Josè Luciano de Castro, está novamente de luto.

O telegrapho transmittiu-nos, no domingo passado, a dolorosa noticia de ter fallecido n'esse dia, pelas 9 horas e meia da manhã, na praia de Espinho, aos estragos d'uma tuberculose, complicada com uma congestão pulmonar, o sr. dr. Francisco María da Graça Castro Mattoso, extremoso filho do desembargador da Relação de Lisboa e digno par do reino, sr. dr. Francisco de Castro Mattoso Corte Real e sobrinho dos srs. conselheiro Josè Luciano de Castro e dr. Augusto de Castro, muito digno delegado do procurador regio junto da Relação do Porto.

O finado, que era um cavalheiro respeitabilissimo pelas suas nobres e apreciaveis qualidades de caracter, contava ainda 37 annos de idade, e exerceu com elevado criterio os logares de delegado do procurador régio nas comarcas de Oliveira do Hospital, Anadia e Lisboa, e ultimamente desempenhava em commissão o cargo de Ouvidor da Junta de Credito Publico, tendo, segundo o Regulamento d'aquella Junta, as honras d'ajudante do Procurador Geral da Corôa.

O feretro do nosso chorado amigo, dr. Francisco Corte Real, foi conduzido para Lisboa na segunda feira á noite, n'um *fourgon* atrellado ao comboio correio, realisando-se alli, na terça feira o funeral, que foi concorridissimo pelas pessoas de mais elevada posição social d'aquella capital.

De Ovar, foram na segunda feira a Espinho, alguns cavalheiros, amigos intimos do saudoso finado e de seu pae, prestar as ultimas homenages a quem em vida fora bom e honesto.

A sua morte causou, pois, dolorosissima impressão entre os numerosissimos amigos de sua desolada familia.

A toda a illustre familia enviamos a expressão sentida do nosso pezar por tão fatal acontecimento.

Fallecimento

Finou-se na quinta feira n'esta villa, na sua casa da rua das Figueiras, a sr.a Joanna Lourença, irmã do sr. Antonio d'Oliveira Descalço e tia do nosso amigo sr. dr. Antonio Descalço.

O seu funeral, que se realisou na manhã de antehontem, foi muito concorrido.

A toda a familia enlutada enviamos os nossos pezames. 21/7/98 as 11 c 3/4 da noite

Pesca

Tem havido trabalho no mar, sendo a pesca boa sardinha e os lanços d'algumas companhas produziram 200$000 reis.

Principio de incendio

Na quarta feira, pelas 7 horas e meia da noite, houve principio de incendio na fuligem da chaminé d'um predio da travessa da rua da Praça, d'esta villa, sendo promptamente extincto.

Compareceu no local do sinistro a benemerita companhia dos Bombeiros Voluntarios, que não chegou a trabalhar.

Chuva

Até que emfim, a benefica chuva nos veio visitar, interrompendo por esta forma a prolongada estiagem que soffriamos ha seis mezes.

Na noite de quarte feira choveu bastante n'esta villa, refrescando consideravelmente os milharaes e os campos e satisfazendo por completo os nossos lavradores. Durante o dia de quinta feira tambem choveu bastante, pairando de tarde sobre nós uma formidavel trovoada, que felizmente, depois d'alguns fortes trovões, se poz ao largo. A manhã do dia de sexta feira apareceu mortifera e quente, estando a atmosphera bastante carregada, visitando-nos de vez em quando, atravez dos immensos farrapos pardacentos que encobrem o firmamento, alguns raios solares. De tarde alguma chuva, acompanhada d'alguns trovões violentos e á noite fortes aguaceiros.

O dia de hontem appareceu esplendido, cheio de sol.

FOLHETIM

Thema para versos

Era uma vez um rei, moço e valente, senhor de um reino abundante em cidades e cearas, que partira a batalhar por terras distantes, deixando solitaria e triste a sua rainha e um filhinho, que ainda vivia no seu berço, dentro das suas fachas.

A lua cheia que o vira marchar, levado no seu sonho de conquista e de fama, começava a minguar quando um dos seus cavalleiros appareceu, com as armas rotas, negro do sangue secco e do pó dos caminhos, trazendo a amarga nova de uma batalha perdida e da morte do rei, trespassado por sete lanças entre a flor da sua nobreza, á beira de um grande rio.

A rainha chorou magnificamente o rei. Chorou ainda desoladamente o esposo, que era formoso e alegre. Mas sobre tudo chora anciosamente o pae que assim deixava o filhinho desamparado, no meio de tantos inimigos da sua fragil vida e do reino que seria seu, sem um braço que o defendesse, forte pela força e forte pelo amor.

D'esses inimigos o mais temeroso era seu tio, irmão bastardo do rei, homem depravado e bravio, consumido de cubiças grosseiras, desejando só a realeza por causa dos seus thesouros, e que havia annos vivia n'um castello sobre os montes, com uma horda de rebeldes, à maneira de um lobo que, entre a sua atalaia, espera a presa. Ai! a presa agora era aquella criancinha, rei de mama, senhor de tantas provincias, e que dormia no seu berço com o seu guiso d'ouro fechado na mão!

Ao lado d'elle outro menino dormia n'outro berço. Mas este era um escravosinho, filho da bella e robusta escrava, que amamentava o principe. Ambos tinham nascido na mesma noite de verão. O mesmo ceio os creava. Quando a rainha, antes de adormecer vinha beijar o principesinho, que tinha o cabello louro e fino, beijava tambem por amor d'elle o escravosinho, que tinha o cabello negro e crespo. Os olhos de ambos reluziam como pedras preciosas. Sómente o berço de um era magnifico e de marfim entre brocados=e o berço do outro pobre e de verga. A leal escrava, porém, a ambos cercava de carinho igual, porque se um era seu filho=o outro seria o seu rei.

Nascida n'aquella casa real, ella tinha a paixão, a religião dos seus senhores. Nenhum pranto correra mais sentidamente do que o seu pelo rei morto á beira do grande rio. Pertencia, porém, a uma raça que acredita que a vida da terra se continua no céo. O rei seu amo, decerto, já estaria agora reinando n'um outro reino, para além das nuvens, abundante tambem em cearas e cidades. O seu cavallo de batalha, as suas armas, os seus pagens tinham subido com elle ás alturas. Os seus vassallos que fossem morrendo promptamente iriam n'esse reino celeste retomar em torno d'elle a sua vassallagem. E ella um dia, por seu turno, remontaria n'um raio de luz a habitar o palacio do seu senhor, e a fiar de novo o linho das suas tunicas, e a accender de novo a caçoleta dos seus perfumes, seria no céo como fôra na terra, e feliz na sua servidão.

Todavia, tambem ella tremia pelo seu principesinho! Quantas vezes, com elle pendurado no peito, pensava na sua longa infancia, nos annos lentos que correriam antes que elle fosse ao menos do tamanho de uma espada, e n'aquelle tio cruel, de face mais escura que a noite e coração mais escuro que a face, faminto do throno, e espreitando de cima do seu rochedo entre os alfanges da sua horda! Pobre principesinho de sua alma! Com uma ternura maior o apertava então nos braços. Mas o seu filho chilreava ao lado—era para elle que os seus braços corriam com um ardor mais feliz. Esse, na sua indigencia, nada tinha a receiar da vida. Desgraças, assaltos da sorte mà nunca o poderiam deixar mais despido das glorias e bens do mundo do que já estava alli no seu berço, sob o pedaço de linho branco que resguardava a sua nudez. A existencia na verdade era para elle mais preciosa e digna de ser conservada que a do seu principe, porque nenhum dos duros cuidados com que ella ennegrece a alma dos senhores, roçaria sequer a sua alma livre e simples de escravo. E como se o amasse mais por aquella humildade ditosa, cobria o seu corpinho gordo de beijos que ella fazia ligeiros sobre as mãos do seu principe.

No emtanto um grande temor enchia o palacio, onde agora reinava uma mulher entre mulheres. O bastardo, o homem de rapina que errava no cimo das serras descera a planicie com a sua horda, e ja atravez de casaes e aldeias felizes ia deixando um sulco de matança e ruinas. As portas da cidade tinham sido seguras com cadeias mais fortes. Nas atalaias ardiam lumes mais altos. Mas á defeza faltava disciplina viril. Uma roca não governa como uma espada. Toda a nobreza fiel perecera na grande batalha. E a rainha desventurosa apenas sabia correr a cada instante ao berço do seu filhinho e chorar sobre elle a sua fraqueza de viuva. Só a ama leal parecia segura—como se os braços em que estreitava o seu principe fossem muras de uma cidadella que nenhuma audacia póde transpor.

(Continua)

Eça de Queiroz.

ARADA 23, de setembro de 1898.

—

O sapientissimo Z. X. d'esta freguezia, como sincero evangelisador da verdade, leal e perspicaz discutidor das minhas humildes e despretenciosas cartas, atrelou um dia d'estes ao carro da «Discussão» os seus queridinhos burros negros e, depois de os ter mimoseado com uma forte e bem-sonante chicotada atravez do lombo afim de lhes fazer sentir bem o que d'elles pretendia n'aquelle momento, là partiu à desfilada em cata de mim, que lhe fugira, deixando *em maus lençoes* (e a chorar tembem) os meus amigos.

Foi e agarrou-me; mas já muito longe!... perdido e *entalado* no meio das *espantosas ruinas* e *prejuizos* causados ao concelho e à parochia por esses dois homens a quem eu tive a *ingenuidade* de tentar defender e *fazer passar por dois benemeritos!...*

Fiquei horrorisado ao vel-o!... Lançou-me os gatasios; e, seguro de que eu já lhe não fugiria mais, trovejou-me medonho e arrogante:

—«De duas uma, sr. X. Z., ou o sr. reconhece que é verdade tudo o que dissemos, ou então quiz, como paga d'algum *geitito*, patentear publicamente a *grandeza* dos taes homens e a sua *dedicação* pela freguezia, mas vendo que este campo era falso recolheu-se a penates e deixou em peiores lençoes os seus amigos.»

— Nada disso, sr. Z. X., lhe respondi eu tremendo; é que eu receiava offender essa cousa mais digna de respeito que o sr. só deixa ver quando tira o seu chapéo; mas...

—Não diga assim, retrovejou elle ainda mais forte e assombroso, diga antes que as nossas *substanciaes chuchinhas* o deixaram entalado e a *chuchar* no dedo, e que está muito arrependido de se ter mettido em tal *chuchadeira*.

= Não, sr. Z. X.; eu disse que *achava* as suas *chuchinhas muito substanciaes* e que, como taes, as acceitára, saboreara e engulira, mas foi para o não desgostar contando-lhe o verdadeiro emprego que lhes dei e ellas effectivamente mereciam; isto é, que lhes dera o mesmo emprego que um sr. que eu conheço, deu a um boletim, ou patente de S. Francisco de Salles (!). Percebeu? E se lhe mandei os meus *agradecimentos* foi por mero cumprimento das leis da civilidade. Ora, sendo assim como vê, não devo estar nem estou entalado.

=Mas então porque fugia?

=Era unica e exclusivamente porque me doia o coração ver o sr. Z. X. a pernoitar tantas vezes por esses jardins, campos e valles, prejudicando a sua saude, só para mimosear quem *não tem importancia alguma* na freguezia nem fóra. Ora por isto e não por entalos.

Agora duas linhas mais a serio, sr. Z. X.

O sr. affirmando tão gratuitamente d'esses dois homens a quem parece odiar, mas que nunca lhe fizeram mal algum nem aos seus, coisas que, segundo o meu humilde pensar, não deveria nunca affirmar como, apostolo da paz e da verdade qae é, fará bonita figura? O sr. disse na sua cartinha de 1 do corrente, que eu fazia uma triste figura escrevendo em defeza de quem não o merecia; ora não me dirá tambem que figura faz o sr. escrevendo o contrario d'aquillo que a sua propria consciencia lhe dita?

Gostava de o saber e que m'o dissesse.

X. Z.

A romaria do Furadouro

Foi deveras concorridissima a romaria que no sabbado, domingo e segunda feira se realisou na praia do Furadouro, ao Senhor da Piedade, calculando-se em mais de 15:000 os forasteiros que alli concorreram.

O movimento de trens entre esta villa e aquella praia durante os tres dias, foi extraordinario.

Um grande criminoso

A policia de Lisboa anda ha dias na pista de um hespanhol de nome Raphael Quintero, que depois de roubar umas joias valiosas e outros objectos pertencentes ao sr. D. Luiz do Rego, desappareceu.

A policia tem encontrado muitos indicios que fazem crer que o tal Quintero é o auctor do assassinato do rico industrial Domingos Fandango, commettido ha cerca de 2 annos por meio de uma bomba lançada no carro em que ia a infeliz victima.

Está tambem averiguado que o hespanhol Quintero se correspondia com sociedades secretas de diversos paizes.

S. Miguel

Hoje, em Yallega, realisa-se uma festividade em honra de S. Miguel. Assiste a phylarmonica «Ovarense».

AGRADECIMENTO

Julia Augusta Estevam Aralla Pinto, Maria Eduarda Estevam Aralla e Almeida, Maria Rita Estevam Aralla, Maria Adelaide Estevam Aralla, Manoel d'Oliveira Aralla e Costa, Francisco Antonio Pinto e José Nogueira Dias d'Almeida, veem por este meio significar o seu reconhecimento a todas as pessoas que lhes deram pezames pelo passamento e acompanharam à sua ultima morada seu querido pai, irmão e sogro, Domingos Manuel d'Oliveira Aralla.

Ovar, 15 de Setembro de 1898.

AGRADECIMENTO

Joanna d'Oliveira Ribeiro e seu marido Sebastião Ribeiro, ausente, veem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram dar-lhes condolencias de pesames e que acompanharam até á sua ultima morada o cadaver de sua chorada mãe e sogra, Maria d'Oliveira.

A todos se confessam eternamente reconhecidos.

ANNUNCIOS

Professor em Ovar

Manuel Maria Camarinha Abragão recebe alumnos internos, semi-internos e externos, ensinando instrucção primaria, portuguez, francez, inglez. historia e geographia, principios de latim e principios d'escripturação commercial

Foram 19 as approvações que este anno obteve

Editos

1.ª publicação

Pelo Juizo de Direito da comarca d'Ovar e cartorio do Escrivão Frederico Abragão, correm editos de 30 dias, contados da segunda publicação na folha official, citando os interessados incertos, para na segunda audiencia d'este juizo, posterior ao prazo dos editos, verem accusar a citação e seguirem os mais termos até final na justificação avulsa, requerida por João Rodrigues Cassão, solteiro, maior, manipulador de tabaco, residente em Lisboa, e José Maria Rodrigues Cassão e mulher, maritimo, da rua das Figueiras, d'esta villa, na qual allegam e pretendem justificar o seguinte:—que o reverendo Manoel Elianno Gomes Ferrer, no testamento com que falleceu, legou à casa da Misericordia d'esta villa que é administrada pela Camara Municipal, um predio sito no Rio de Janeiro, com a obrigação de dar a seus tios Antonio—Custodio—Roza e Anna a quantia de reis 1:200$000 annualmente—que se habilitaram aquelles legatarios e principiaram a receber ha annos a importancia d'esse legado, sendo um dos habilitados Antonio Rodrigues Cassão, o qual falleceu n'esta villa em 31 de Março findo, deixando netos necessitados —que são netos do alludido Antonio Rodrigues Cassão, por quanto o justificante João é filho d'um outro Antonio Rodrigues Cassão e de Maria Roza de Pinho, e o outro justificante é irmão germano do primeiro, tendo tambem fallecido o pae dos justificantes depois de sua mulher, o qual era conhecido por Antonio Rodrigues da Silva, e era filho legitimo do dito tio Antonio do Padre Ferrer—que além do justificante existem ainda dois bisnetos do alludido tio do Padre Ferrer, Maria de 5 annos e Henrique de 7 annos, sendo estes netos paternos de Francisco de Oliveira e Roza Gomes, e seu avô paterno filho do dito tio do Padre Ferrer, não deixando este tio, além dos justificantes e dos bisnetos referidos quaesquer outros descendentes—que aos justificantes pertencem em partes eguaes metade da quantia de 300$000 reis que seu avô paterno Antonio Rodrigues Cassão, recebia como legatario de seu sobrinho o Reverendo Ferrer; e concluem pedindo para serem julgados herdeiros e representantes de seu avô paterno Antonio Rodrigues Cassão, e assim com o direito de receberem da Camara Municipal de Ovar, como administradora da Santa Casa da Misericordia, a quantia de 150$000 reis annualmente, para dividirem entre si em partes eguaes, e durante os annos que faltam para completar trinta, desde que a camara começou a pagar o legado.

As audiencias n'este juizo, fazem-se ás segundas e quintas feiras de cada semana no tribunal d'esta comarca e pelas 10 horas da manhã, sita na rua dos Campos, d'esta villa, não sendo sanctificados ou feriados, porque n'aquelle caso, se fazem no dia seguinte.

Ovar, 30 de Agosto de 1898.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Braga d'Oliveira.

O Escrivão

Frederico Ernesto Camarinha Abragão.

Annuncio

1.ª publicação

No dia 9 de outubro proximo, pelas 10 horas da manhã, e á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, na execução que o Doutor Delegado move contra Nicolau, filho de Bernardo Soares Balréira, da Ponte Nova, mas ausente no Brazil, é posta em praça, pela segunda vez, e por metade do seu valor, a quarta parte de uma morada de casas terreas, com quintal e pertenças, sita na Ponte Nova d'esta villa avaliada em 170$000 reis.

No mesmo dia e á mesma hora tambem serão arrematadas as seguintes dividas activas nas importancias abaixo mensionadas—a de 9$090 reis que ao executado deve Manoel José Borges Peneda, do Barreiro, e que é posta em praça em 3$409 reis—a de 2$045 reis que ao executado deve Rita de Jesus, da Ponte Nova, e que é posta em praça em 1$022 reis—e a de reis 1$465, que ao executado deve Manoel Adelino, de S. João, e que é posta em praça em 732 reis.

Para a praça são citados quaesquer credores incertos.

Ovar, 30 de Agosto de 1898.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Braga d'Oliveira.

O Escrivão

Frederico Ernesto Camarinha Abragão.

Vinho nutritivo de carne

Unico legalmente auctorisado pelo governo, e pela junta de saude publica de Portugal, documentos legalisados pelo consul geral do imperio do Brazil. E' muito util na convalescença de todas as doenças; augmenta consideravelmente as forças aos individuos debilitados, e exercita o appetite de um modo extraordinario. Um calice d'este vinho, representa um bom bife. Acha-se á venda nas principaes pharmacias.

XAROPE PEITORAL
JAMES

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO

Reconhecida como precioso alimento reparador e excellente tonico reconstituinte. esta farinha, a unica legalmente auctorisada e privilegiada em Portugal, onde o uso quasi geral ha muitos annos, applica-se com o mais reconhecido proveito em pessoas debeis e idosas.

Atlas de Geographia Universal

Descriptivo e Illustrado

Contendo 40 mappas expressamente gravados e impressos a cores, 160 paginas de texto de duas columnas e perto de 300 gravuras representando vistas das principaes cidades e monumentos do mundo, paizagens, retratos d'homens celebres, figuras diagrammas, etc.

Obra dedicada á Sociedade de Geographia de Lisboa em commemoração do 4.º centenario da India.

Cada mez um fasciculo contendo uma carta geographia cuidadosamente gravada e impressa a cores, uma folha de 4 paginas de texto de 2 columnas e 7 ou 8 gravuras e uma capa pelo preço de 150 reis pagos no acto da entrega.

Pedidos á Empreza Editora do Atlas de Geographia Universal, Rua da Boa Vista, 62, 1.º Esq.—Lisboa.

Assigna-se tambem n'esta villa, em casa do sr. Silva Cerveira

NOVIDADE LITTERARIA—ASSIGNATURA PERMANENTE

—

O FILHO DE DEUS

Novo romance de grande sensação e ediçao de luxo em papel de grande formato illustrado com finissimas gravuras francezas

3 folhas illustradas com 3 gravuras e uma capa, 60 reis por semana. Cada serie de 15 folhas, com 15 gravuras, em brochura 300 reis.

Dois brindes a cada assignante

Viagem de Vasco da Gama á India

Pedidos aos editores, Belem & C.ª, 26, Rua do Marechal Saldanha—Lisboa.

TYPOGRAPHIA

DO

OVARENSE

26, Largo de S. Pedro, 27

Esta casa encarrega-se de todo o trabalho concernente á arte typographica, onde serao executados com primor e aceio, taes como:

Diplomas, letras de cambio, mappas facturas, livros, jornaes rotulos para pharmacias, particpações de casamento, programmas, circulares, facura, recibos, etc., etc.

Tem á venda o Codigo de posturas municipaes do concelho dos Ovar, contendo o novo addicionamento, preço 300 reis.

Bilhetes de visita, cada cento, a 200, 240 e 300 reis.

De luto, cada cento, a 400 e 500 reis.

EDITORES=BELEM & C.ª—LISBOA

AS DUAS RIVAES

NOVO ROMANCE DE GRANDE SENSAÇÃO

DE

XAVIER DE MONTEPIN

Auctor dos romances—A Mulher do Saltimbanco, Martyrio e Cynismo, As Doidas de Paris, O Fiacre n.º 13, Mysterios de uma Herança, As Mulheres de Bronze, Os Milhões do Criminoso, Dramas do Casamento, As Victimas da Loucura e Crimes de uma Associação Secreta=publicados por esta empreza.

Versão de J. de Magalhães—Dois brindes a cada assignante

1.º brinde no fim do primeiro volume:

PANORAMA DA CIDADE DE LISBOA

2.º brinde a distribuir no fim da obra

PANORAMA DA CIDADE DO PORTO

Assignaturas—Cada semana serão distribuidas 3 folhas (grande formato) illustradas com 3 gravuras e uma capa pelo preço de 60 reis, pagos no acto da entrega,—Cada série de 15 folhas illustradas, em brochura, 300 reis.

Pedidos aos editores BELEM & C.ª, Rua do Marechal Saldanha, 26. Lisboa.

REVISTA AGRICOLA

Orgão dedicado aos interesses, progresso, fomento e defeza da agricultura nacional

Proprietario e director

DR. ANTONIO JOSÈ DA CRUZ MAGALHÃES

A «Revita Agricola» é distribuida na ultima semana de cada mez em fasciculos de 24 a 32 paginas de texto, intercallado com photogravuras, phototypias e gravuras de animaes domesticos, alfaias agricolas, etc.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

Portugal, ilhas adjacentes e Hespanha	3$000 reis
Provincias ultramarinas	4$000 reis
Brazil (moeda forte)	7$000 reis
Paizes fazendo parte da união postal	21 fr.
Fasciculo avulso	400 reis

As assignaturas são pagas adiantadamente, continuando até aviso em contrario.

Não se acceitam assignaturas por menos d'um anno, contando-se estas sempre desde janeiro.

Redacção e Administração, Praça do Marquez de Pombal, 111—Porto.

Agencia central, Livraria Nacional e Estrangeira, rua dos Clerigos, 8 e 10=Porto.

O DOMINGO ILLUSTRADO

HISTORIA E LITTERATURA

de todas as cidades, villas e freguezias do reino,

Condicções de assignatura

Série de 26 numeros . . .	500 reis
Idem de 52 numeros . . .	900 reis

A correspondencia deve ser derigida ao proprietario A. José Rodrigues, rua da Atalaya, 183, 2.º—Lisboa.

A MODA ELEGANTE

O Jornal de Modas, o mais completo, dá cada semana 8 paginas de texto

UM MOLDE CORTADO E QUINZENALMENTE UM FIGURINO A CORES

ASSIGNATURAS—Portugal e ilhas:—Um anno 4$000 reis; seis mezes 2$100 reis; tres mezes 1$100 reis; numero avulso 100 reis; com figurino a cores 150 reis.

Toda a correspondencia particular deverá ser dirigida a Guillard, Aillaud & C.ª, em Paris, 96, boulevard Montparnasse. Mas afim de lhes facilitar o pagamento os srs, assignantes de Portugal podem enviar o importe de suas assignaturas em valles do correio á mesma firma, 242, rua Aurea, 1º—Lisboa.

Toda a pessoa que desejar ser agente d'este jornal, pode dirigir a sua proposta aos editores, em Paris, á qual se responderá com a maxima brevidade.

REMEDIOS DE AYER

Viger do cabello de Ayer—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Peitoral de cereja de Ayer==O remedio mais seguro que ha para cura da *tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.* Frasco reis 1$000, meio frasco 600 reis.

Extracto composto de Salsaparilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrofulas. Frasco 1$000 reis.

O remedio de Ayer contra sezões=*Febres intermittentes e biliosas.*

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer=O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TONICO ORIENTAL

MARCA «CASSELS»

Exquisita preparação para aformosear o cabello

Estirpa todas as affecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA

MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, o toucador e o banho

SABONETES DE GLYCERINA

MARCA «CASSELS»

Muito grandes.—Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias.

PREÇOS BARATOS

Vermifugo de B. L. Fahnestock

E' o melhor remedio contra lombrigas. O proprietario está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remedio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções.

SABONETES GRANDES DE GLYCERINA MARCA «CASSELS».—Amaciam a pelle e são da melhor qualidade, por preços baratissimos. Deposito geral: James Gassels e C.ª, Rua do Mousinho da Silveira, 85. Porto.

Perfeito Desinfectante e purificante de JEYES para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes, e cura feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias—Preço 240 reis.

CACAU AMERICANO

E' ao mesmo tempo uma bebida estimulante e um alimento mais nutritivo que qualquer outra bebida. E' leve, fino, facil de digerir e completamente livre de alkali, ou qualquer outra materia extranha. Este cacau americano é mais commodo e mais barato que chocolate, café ou chá, e não excita os nervos como estes.

As pessoas que tomarem este cacau uma vez, jamais deixarão de o preferir ao chocolate, café ou chá, pois reconhecerão as suas qualidades nutritivas e agradavel paladar.

Unicos agentes em Portugal, James Gassels e C.ª Rua do Mousinho da Silveira, 85, Porto.

Séde da Redacção, Administração e Typographia, Largo de S. Pedro, n.os 26 e 27—OVAR.